

QUANDO O CARTÓGRAFO VAI A CAMPO: travessias e poéticas de um jovem professor

Tiago Amaral Sales

Resumo

Este texto é tecido a partir de cartografias imbricadas por meio das vivências de um jovem professor de ciências da natureza e pesquisador em educação. As experimentações que se materializam nas linhas que se seguem foram vividas com os trajetos percorridos entre o fim do doutorado e o (re)começo na docência no ensino básico, sendo relatadas por um narrador que as acompanha, paradoxalmente, com certa proximidade e distância, intercaladas com escritas poéticas. A dimensão das travessias ocorre entre os espaços acadêmicos universitários e os escolares, no meio, lugar em que as coisas ganham velocidade. Para tal, materializa-se em poéticas a força do vivível, da experiência, do acontecimento, do que atravessa um corpo em seus múltiplos encontros, das maneiras de lidar com a docência, com a pesquisa e com a vida, a partir do que se ensina e se aprende. Objetiva-se, assim, forjar um arquivo destes tempos e espaços de travessia na formação e na vida docente, por meio das poéticas possíveis de serem engendradas e materializadas em um texto acadêmico. Dessa maneira, são mobilizadas, a partir de um referencial teórico-metodológico-epistemológico das filosofias da diferença, tessituras da docência-pesquisa-vida e(m) educação.

Palavras-chave: docência; experiência; vida; cartografia; educação.

WHEN THE CARTOGRAPHER GOES TO THE FIELD: crossings and poetics of a young teacher

Abstract

This text is woven from imbricated cartographies through the experiences of a young natural science teacher and education researcher. The experimentations materialized in these lines were lived with the paths taken between the end of the doctorate and the (re)beginning of teaching in basic education, being reported by a narrator who, paradoxically, accompanies them with certain proximity and distance, interspersed with poetic writings. The dimension of crossings occurs between academic university and school spaces, in the middle, a place where things gain speed. To this end, the force of the livable is materialized in poetics, forces of experience, of the event, of what crosses a body in its multiple encounters, of the ways of dealing with teaching, with the research and with life based on what is taught and learned. The objective is, therefore, to forge an archive of these times and spaces of crossing in the formation and in the teaching life through the possible poetics to be engendered and materialized in an academic text. In this way, from a theoretical-methodological-epistemological referential of the philosophies of difference, weaves of teaching-research-life and (in) education are engendered.

Keywords: teaching; experience; life; cartography; education.

CUANDO EL CARTÓGRAFO VA AL CAMPO: cruces y poéticas de un joven maestro

Resumen

Este texto se teje a partir de cartografías imbricadas a través de las vivencias de un joven maestro de ciencias naturales e investigador en educación. Los experimentos que se materializan en este archivo fueron vividos con los caminos recorridos entre el final del doctorado y el (re)inicio de la docencia en la educación básica,

siendo relatados por un narrador que, paradójicamente, los acompaña con cierta proximidad y distancia, entremezclado con escritos poéticos. La dimensión de los cruces se da entre los espacios académicos y escolares, en el medio, un lugar donde las cosas ganan velocidad. Para ello, se materializa en la poética la fuerza de lo vivible, de la experiencia, del acontecimiento, de lo que atraviesa un cuerpo en sus múltiples encuentros, de los modos de hacer frente a la docencia, a la investigación y a la vida a partir de lo que se enseña y se aprende. El objetivo es, entonces, forjar un archivo de estos tiempos y espacios de cruces en la formación y en la vida docente a través de las poéticas posibles de engendrar y materializar en un texto académico. De esta manera, desde un marco teórico-metodológico-epistemológico de las filosofías de la diferencia, se engendran tejidos de enseñanza-investigación-vida y(en) educación.

Palabras clave: enseñanza; experiencia; vida; cartografía; educación.

INTRODUÇÃO

É difícil perder-se. É tão difícil que, provavelmente, arrumarei depressa um modo de me achar, mesmo que achar-me seja de novo a mentira de que vivo. (...)
Como é que se explica que o meu maior medo seja exatamente em relação: a ser? E, no entanto, não há outro caminho. (...)
Já que tenbo de salvar o dia de amanhã, já que tenbo que ter uma forma porque não sinto força de ficar desorganizada, já que fatalmente precisarei enquadrar a monstruosa carne infinita e cortá-la em pedaços assimiláveis pelo tamanho de minha boca e pelo tamanho da visão de meus olhos, já que fatalmente sucumbiria à necessidade de forma que vem de meu pavor de ficar indelimitada – então, que pelo menos eu tenha a coragem de deixar que essa forma se forme sozinha, como uma crosta que, por si mesma, endurece, a nebulosa de fogo que esfria em terra. E que eu tenha a grande coragem de resistir à tentação de inventar uma forma.
Clarice Lispector (2019, p. 10-13).

A demanda de, para habitar o mundo, o trabalho e a educação, existir-se enquadrado em uma forma – como bem disserta Clarice Lispector (2019) no início de seu romance *A Paixão Segundo G.H.* –, movimenta muitos processos de constituição subjetiva. Dentro da educação formal e do trabalho docente, alguns momentos podem marcar intensamente essas situações, como as (primeiras) experiências dentro de sala de aula e uma pós-graduação. É a partir desse cenário que este trabalho insurge: o que emerge entre a formação acadêmica *stricto sensu* e o (re)começo nas salas de aula – espaços de produção, atualização e potencial desconstrução de tantas formas e fôrmas – por meio do trabalho professoral.

Quantos afetos atravessam a formação inicial docente, intenso território de produção de si? Quais deles seguem reverberando na contínua preparação para o exercício no magistério? O que, de fato, abre-se de portas a partir da pós-graduação *stricto sensu* aos exercícios no tão falado chão da escola? Como a experimentação em sala de aula mostra quão (des)preparado se está para o ser-estar-fazer-se professor? Existiria, por fim, um estar pronto para atuar nos espaços educativos? De que maneiras é possível se animar, encantar e alegrar com as travessias que se mostram inevitáveis para potencializar o exercício professoral, em devir, nos movimentos e nas poéticas que se fazem a partir dos estranhamentos e experimentações possíveis?

Como possibilidade de mapear alguns desses afetos engendrados entre o formar-se e o ser professor – processos contínuos que se entrelaçam –, busca-se, neste trabalho, percorrer os atravessamentos que permeiam a vida de um jovem pesquisador no campo da educação e professor de ciências da natureza. Para tal, utiliza-se a cartografia¹ como bússola teórico-metodológica para a feitura destas escrituras. Imbrica-se, em terceira pessoa, a partir de um narrador que acompanha tudo bem de perto e, ao mesmo tempo, com certa distância, observa o cartógrafo² em suas experimentações e estranhamentos, estando atento aos acontecimentos³ que ocorreram em um período relativamente curto, de cerca de um mês e meio, porém intenso de sua vida: o fim da pós-graduação stricto sensu na modalidade de doutorado em Educação, bem como o início – ou recomeço – da vida docente no espaço escolar. Alguns dias de escrita percorrem toda uma existência em (re)invenção.

Os múltiplos encontros entre corpo, leituras, pesquisas, aulas, currículos, e... e... e...⁴ foram imbricando-se nas escritas. Buscando não perder, nas cartografias, a fluidez necessária à sua vazão, muitas das ferramentas conceituais⁵ aqui mobilizadas foram citadas a título de notas de rodapé, não pela sua menor importância, mas pela emergência de letras-palavras-frases que fluíram e fruíram entre cartógrafo e narrador.

Em decorrência das linhas aqui engendradas serem produzidas em meio⁶ aos acontecimentos, em processos, não estão prontas, são feitas em movimentos através das

¹ A cartografia é o método utilizado para a mobilização das linhas deste trabalho, sobretudo com o referencial teórico de Suely Rolnik (2016). A autora, acerca da cartografia, afirma que: “Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias” (ROLNIK, 2016, p. 23).

² Outras experimentações cartográficas que permeiam a experiência, o acontecimento e a potência do vivível são: *Cartografias do cerrado: devires, marcas e forrageios em processos de pesquisa-trans-formação de um biólogo* (SALES, 2020), tecendo escritas em torno da pesquisa e da formação em Ciências Biológicas; *Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga* (SALES, ESTEVINHO, 2021), percorrendo os territórios pandêmicos na emergência da covid-19; e *Entre vazios e cheios: cartografias da anorexia* (SALES, 2022a), zigzagueando pelas conexões entre corpo e alimentação.

³ Em referência ao conceito deleuze-guattariano de acontecimento e à noção de pesquisa em educação como pesquisa do acontecimento, mobilizada por Tomaz da Silva, Sandra Corazza e Paola Zordan (2004, p. 138-139): “O que uma pesquisa dessas nunca pesquisa são estados de coisas, proposições, objetos, sujeitos, matérias, corpos e representações. Se pesquisasse tudo isso, seria um outro modo de pesquisar que estaria muito distante da filosofia da diferença, já que, para esta filosofia, pensar, assim como ‘pesquisar’, é um acontecimento fazendo-se, em choque com o já feito, uma experimentação dos conceitos e das imagens do pensamento que animam uma Pesquisa do Acontecimento, cuja principal pergunta é: mais do que historicizar, como acontecimentalizar a pesquisa da educação, da pedagogia, do currículo, da infância?”.

⁴ Inspirado no conceito de rizoma, de Deleuze e Guattari (2019, p. 48): “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “[...]e... e... e...”.

⁵ Tal dimensão das ferramentas conceituais é inspirada na mobilização da caixa de ferramentas tangenciada no diálogo entre Foucault e Deleuze (2019), intitulado de *Os intelectuais e o poder*.

⁶ “É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. *Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio” (DELEUZE, GUATTARI, 2019, p. 49).

cartografias de paisagens psicossociais, em territórios de existência e educação, pelo devir⁷. Poéticas de vida e registros cartográficos – ambos aqui materializados em palavras – vão surgindo, emergindo, ganhando velocidades necessárias, visto que escrever deve produzir velocidade (DELEUZE, PARNET, 1998, p. 27). Acompanhar tais movimentos é pegar carona com os fluxos de formação-vida, em travessias⁸ que se fazem em poéticas entre estranhamentos e experimentações de uma antiga nova existência.

TRAVESSIAS. ESTRANHAMENTOS. EXPERIMENTAÇÕES

Mudanças, deslocamentos, intensidades. Travessias entre-espacos, i-migrações. “A travessia é o lugar da incerteza, da não evidência, do estranho. E isso não é uma fraqueza, é uma potência” (PRECIADO, 2020, p. 32). Inspirado no filósofo Paul B. Preciado, o cartógrafo vislumbra – em suas andanças no tempo e no espaço que percorre – diferentes territórios. Em seus trajetos, também forja, para si, os seus territórios, nos múltiplos encontros que faz e que também o fazem.

O que pode um corpo aprender pelo que acontece? Que espacos se abrem às experiências⁹ que lhe passam (LARROSA, 2011)? Foram décadas – ou, quiçá, uma vida toda – voltadas à formação, começando antes da fecundação, percorrendo os desenvolvimentos embriológicos, o nascimento biológico-subjetivo e as aprendizagens imbricadas pelos encontros com outros humanos e não humanos, atravessando uma longa escolarização que tanto marca¹⁰ os seus passageiros, seguindo nos cinco anos de graduação em Ciências Biológicas divididos em licenciatura e bacharelado e, sem pausa, migrando – ou melhor, saltando de paraquedas – na pós-graduação em Educação. Após tanto tempo, sobretudo o dedicado à academia, sendo dois anos no mestrado e outros quase três no doutorado, percebe-se que já é hora de preparar as ferramentas necessárias para uma nova imersão em outros campos – ou, talvez, atualizando os territórios habitados –, percorrendo velhas estradas já intensivamente atravessadas na escolarização, na graduação e brevemente após a conclusão da licenciatura, mas agora de novas maneiras.

No meio do doutorado, reconheceu que aquele processo não teria fim: seria contínuo, já que o cartógrafo fora iniciado no universo das leituras, pesquisas e escritas no campo da Educação: caminho sem volta, ponto de não retorno. As leituras das filosofias da diferença¹¹ o animavam,

⁷ “Escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida. (...) Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir” (DELEUZE, 2011, p. 11).

⁸ Outras criações mobilizadas em poéticas das/nas travessias são: *Travessias em poéticas virais* (SALES, 2022b), agenciando-se a partir dos atravessamentos vividos na pandemia de covid-19 e *Ensaio de escritas entre derivas e travessias* (SALES, 2022c), tecendo experimentações em linhas de pensamento-escrita-vida.

⁹ Segundo Jorge Larrosa (2011, p. 5), a experiência é “[...]isso que me passa”.

¹⁰ Inspirado na dimensão das marcas, dissertada por Rolnik (1993). A autora afirma que as marcas “Geram em nós estados inéditos, inteiramente estranhos em relação àquilo de que é feita a consistência subjetiva de nossa atual figura. Rompe-se assim o equilíbrio desta nossa atual figura, tremem seus contornos. Podemos dizer que, a cada vez que isto acontece, é uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo – em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. – que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um destes estados, nos tornamos outros” (ROLNIK, 1993, p. 242).

¹¹ Sobre essas leituras, destacam-se, sobretudo as obras dos filósofos franceses Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault e de outras autorias que deslocam os seus pensamentos e mobilizações teórico-conceituais.

mobilizando questões de vida na percepção do que acontecia e se aprendia nos encontros¹². O desejo pelos estudos o movimentou aceleradamente e percebeu, desse modo, que era hora de fechar os pontos da pós-graduação, visto que, mesmo que tais movimentos continuassem imbricados nele por dentro, em seu corpo, um diploma poderia ser interessante, como também a possibilidade de se dedicar mais a outras questões.

Com o título de doutor, apesar de escassas vagas disponíveis em instituições públicas de ensino superior e a cômica perda de prestígio ocorrida nos últimos anos, seria possível prestar alguns processos seletivos em específico, receber, talvez, um pouco mais pelas horas ministradas de aulas em algumas escolas e – quem diria! – até submeter textos de autoria individual em revistas acadêmicas bem qualificadas que exigiam o doutorado para compor em suas publicações, deixando, quem sabe, de lado certa tutela cobrada em alguns espaços pela obrigação de coautoria com os já iniciados pela defesa de uma tese de doutorado. Pensando assim, não seria tão ruim terminar esta etapa com celeridade e, dessa forma, o cartógrafo o fez.

Desse modo, aceleraram-se os preparativos finais e o cartógrafo defende em menos de três anos tal etapa formativa. Nos últimos meses, chegaram-lhe algumas surpresas: a convocação para lecionar em duas escolas públicas, no período de manhã, tarde e noite. Recebeu tais notícias com, sobretudo, muita alegria: era bolsista e a iminência de perder a fonte de renda o assustava desde o início do mestrado. Também sentia que era hora de buscar outros caminhos, de alçar voos. Já que a academia o havia dado régua e compasso, então aquele abraço¹³. Agora, poderia aventurar-se em outros territórios com segurança: estaria empregado e exercendo o que se formou para fazer: dar aulas de ciências da natureza, formar pessoas, educar.

No entanto, lançar-se ao mundo não era romper com os laços de pensamento e vida tecidos ao longo de tanto tempo dedicado à academia. Lá, encontrara fontes para imersões intensivas e extensivas. Desejava, então, permanecer conectado a tudo que lá habitasse que fosse possível de ser permeado no seu tempo fora do trabalho. Nessas possibilidades, o cartógrafo sente, além da alegria, o medo: as mudanças iminentes o atravessariam de formas que não saberia ainda como, mas poderia prever que seria rico e cansativo. Cerca de trinta e três horas dentro de sala de aula, fora reuniões, planejamentos e deslocamentos, lecionando para diferentes etapas da Educação Básica, dedicando-se à disciplina escolar de ciências da natureza, não é para qualquer um. E, ainda assim, desejava seguir estudando e escrevendo?! Que desafio!!! Mas é para isso que viera ao mundo, sentia. Pegou, então, a sua caixa de ferramentas (FOUCAULT, DELEUZE, 2019) e tudo que lá habitava de potência de porvires, e lançou-se à travessia.

Conhecendo espaços, constituindo territórios

¹² Sobre os encontros e as aprendizagens que se fazem nesses processos, Tamiris Vaz (2017, p. 2) afirma que “Se aprendizagens podem acontecer em qualquer lugar onde haja encontros, qual o lugar da educação nesse processo? Arrisco-me a dizer que se trata de potencializar as forças entre o aprendiz e o mundo, ajudando-o a perceber suas capacidades de aprender, acompanhando-o na experimentação do cotidiano como multiplicidade e não como unidade, para não tomar essa multiplicidade como acúmulo. Trata-se de pensar as aprendizagens enquanto criações de mundos possíveis e singulares a cada aprendiz”.

¹³ Inspirado na música *Aquele Abraço*, de Gilberto Gil, sobretudo no trecho “Meu caminho pelo mundo eu mesmo traço. A Bahia já me deu régua e compasso. Quem sabe de mim sou eu, aquele abraço”.

O cartógrafo, assustado e, ainda, meio de surpresa, escolhe os espaços a atravessar. Mais do que percorrer as escolas, irá habitá-las, portanto não foram decisões quaisquer. As opções eram muitas, mas conciliá-las não foi tarefa fácil. Deu certo, sente ele, após dias de ansiedade. As angústias das decisões iniciais dão espaço para outras que também seguem tirando-lhe o sono: finalizar a pós-graduação, seguir estudando, o desejo de continuar escrevendo, o medo do que lhe espera nos empregos, a insegurança de ser um jovem pesquisador e professor. A insônia – sua já velha conhecida – o acompanha durante esses intensos percursos. Em meio a isso tudo, está também uma esperança ativa, feito o verbo esperar, aos modos freireanos, de que tais deslocamentos possam instigá-lo a ser outro e que a sua existência por vir possa-lhe servir mais do que os modos de ser com os quais estava habituado.

A verdade é que ele está cansado de ficar enfiado dentro de casa, lendo e escrevendo cerca de 12 horas por dia, sem férias, muito menos pausas nos finais de semana, fins de ano e feriados. Se um dia conseguir se aposentar, o tempo intensamente dedicado à pós-graduação não contará. Mais exaustivo do que isso é o não reconhecimento de seu exercício laboral, tão trabalhoso, como, de fato, um trabalho. Encontra essas problemáticas tanto na instituição acadêmica, na provedora do auxílio que intitulam de bolsa – mesmo que, na prática, seja o seu salário que, aos muitos custos, também com ajudas de parentes, paga as suas contas –, quanto dos demais cidadãos não acadêmicos. Percebe também que seus colegas pós-graduandos, em muitos momentos, caem nas ladainhas de que pesquisar não é um trabalho e repetem coisas como só estudar é fácil demais, sobretudo os que não podem se dedicar exclusivamente para tal ofício. Tudo isso lhe cansa e aumenta o desejo de expandir os territórios de existência, feito um artrópode que, na ecdise, sai das cascas que já não lhe cabem mais.

Talvez, adequar-se aos regimes de trabalho em um emprego formal, mais definidos em legislações e horários fechados, possa lhe dar espaços para respirar. Também sabe que, na prática, trabalhará além das horas lá registradas – demandando certa expertise na gestão do período laboral. Deslocamentos, planejamentos, preenchimento de diários, pensamentos, execuções: horas, horas e mais horas extraclasse, jamais computadas no espaço-tempo conferido para tal. As distâncias entre casa e escolas lhe angustiam. Sabe que gastará bastante tempo e dinheiro nas suas idas e vindas. Acostumara-se à paradoxal tranquilidade de realizar a grande maioria de suas demandas em casa, sobretudo com a emergência da pandemia de covid-19 e com a transposição das atividades acadêmicas às modalidades remotas. Assim, os deslocamentos serão também modos de lidar com a vida e com o tempo. Recordar-se, dessa maneira, das metamorfoses¹⁴ que Emanuele Coccia (2020) defende como formas de estar no mundo, permeadas de deslocamentos, derivas e migrações.

Em decorrência de estar há dois anos e meio distante das salas de aula, sente, naquele momento, que a sua caixa de ferramentas da docência está vazia. Na verdade, tem algumas do passado, mas não se sabe o quanto elas cabem e serão úteis nesses territórios a serem percorridos. Talvez, tal espaço que se mostra vazio seja justamente o ninho que abriga a potência dos começos: múltiplas possibilidades, caminhos a se construir. Ele sente medo, sim. Sobretudo, no início. Perde noites de sono, acredita que não dará conta. Em alguns momentos, é também permeado por certa empolgação contagiante: um desafio, um mundo por vir. Se anima pelos encontros que acontecerão: sente-se muito sozinho no trabalho de casa e anseia, desse modo, pelos contatos nas aulas, pelas relações amistosas nas salas de professores, pelas tantas aprendizagens e ensinagens em

¹⁴ Coccia (2020) afirma que “Graças à metamorfose que o atravessa, cada ser torna-se planetário e, portanto, mundano: a deriva é o nome cósmico da metamorfose, sua forma mais original, elementar, mineral” (p. 143), pois “A condição de estar no mundo é uma condição de migração: não uma viagem de um lugar para o outro, mas uma forma de movimento perpétuo – uma derivação” (p. 145).

vias de serem mobilizadas. Também se instiga pela possibilidade de trabalhar em tempos de altos índices de desemprego e crise econômica em seu país. Mal sabe o que lhe aguarda: está tudo em aberto.

Em decorrência das opções disponíveis de escolhas e da dificuldade de conciliar horários, consegue apenas escolas bem distantes de sua casa. Logo de cara, sente-se angustiado pelos quilômetros que o separam delas e uma da outra. A ansiedade aumenta por não conhecer tais espaços nos quais estas se localizam. Como possibilidade de lidar com essas questões, cata-se algumas ferramentas de contato social e sai em direção ao descobrimento de tais territórios. De ônibus, até a primeira, gasta em torno de uma hora e quinze minutos. Calcula que terá que sair de casa antes das seis da manhã para lá lecionar às sete. Da primeira à segunda, vai em uma hora e dez minutos. Tranquiliza-se por perceber que dará tempo de correr de uma à outra na uma hora e trinta minutos que terá entre o primeiro e o segundo turnos, mas será corrido. Terá que aproveitar bem o tempo: ler, comer, se deslocar, preparar aulas, viver. Sabe que inesperados habitam também nas relações: talvez consiga caronas estratégicas. Vislumbra, naquele momento, a possibilidade de ter um carro, algo que facilitará muito. Novamente, repito: tudo está em aberto.

Ao conhecer os bairros das escolas, sente as diferenças com o seu. Tenta evitar as comparações, tarefas pouco potentes, focando em apenas deixar o seu corpo vibrátil (ROLNIK, 2016) permeável ao que lhe atravessa. Recorda-se das suas derivas por São Paulo, sobretudo nas primeiras vezes em que se defrontava com a imensidão da selva de concreto materializada pelo centro urbano. Caetano Veloso, na música *Sampa*, traduziu muito da sua experiência de atravessamentos territoriais: “E quem vem de um outro sonho feliz de cidade, aprende depressa a chamar-te de realidade. Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso”. Nos diferentes espaços, vislumbra modos outros de viver, que se conectam na densa trama da cidade de porte médio que habita. Nesses bairros outros, sabe ele que fará também morada: serão as suas rotas diárias, criará lá relações de vida e afetos – fora os mais de trinta quilômetros diários de deslocamento.

O TEMPO

Dinâmica da vida adulta
O tempo
Será que vai dar?
Saio daqui
Corro para ali
Como, se der tempo
Como se desse tempo
Aproveito o deslocamento
O movimento
A passagem
Para o que não teve espaço
Respiro
Suspiro
Sinto
E sigo

MOVIMENTO

Os carros
Os ônibus
As vias
As distâncias
As necessidades
Trajetos
Demanda-se estar
E, para estar, é preciso ir
Então, eu vou
Quem tem boca, vai à Roma
Quem tem pé, vai longe até
E quem tem fé, vai onde quiser?
Que fé será a minha agora?
O que cultivarei nestes novos caminhos?
Esperança? Desejo? Vida?
Educação?
Crescimento, formação
Minha, nossa
Resistência, com jogo de cintura
Para ir, tem que ir
E bora lá!

Sonho e solidão

Aperto no peito
Tensão
Percepção da vida
Em movimento
Reconhecimento da solidão
Que habita em mim
No outro
Nos fluxos
Nos sonhos
Seguir
Criar um porvir
Caminhar na direção
Remar na contramão
Sonhar
Esperançar
Educar
Encontrar
Ver a solidão
Que povoa o coletivo
Reconhecer a multiplicidade
Que habita no estar sozinho
Escutar a canção

Que toca o coração
Achar razão
Onde parece vão

O PRIMEIRO, OU SÓ MAIS UM DIA

Após uma noite agitada de muita insônia, em uma manhã cheia de atividades – porém, permeada pela sensação de pouco se ter feito –, arruma-se a caixa de ferramentas da docência e parte-se à escola para, pela primeira vez, nessa nova experiência, atuar lá como professor. Na noite anterior, certo arrependimento de não adiar um pouco mais esse período permeou o cartógrafo. Mas já firmou o seu compromisso com a instituição e os seres lá presentes, então, é hora de honrar a sua palavra e usar a sua voz, coisa que, mesmo com medo, reconhece que sabe tão bem fazer.

Decide que, neste momento, irá de carro por meio de viagens compartilhadas em aplicativos – e amanhã, ninguém sabe. Percebe que não sairá tão caro e permitirá que viabilize o seu tempo para dedicar-se aos estudos – inclusive nos trajetos. No trânsito caótico, tenta acalmar-se e senti-lo com leveza, mas as buzinas e a imensa quantidade de caminhões que permeiam os quase dez quilômetros de distância o atordoam e assustam. É hora de ter coragem. Ele já tem, resta seguir mobilizando-a.

POSFÁCIO, OU APRENDENDO A CHAMAR DE REALIDADE

A música Sampa, de Caetano Veloso, esteve presente na mente do cartógrafo antes, durante e depois dos cinco horários de trabalho seguidos. Sair do seu sonho feliz de cidade, como pós-graduando que se dedicava integralmente aos estudos e pesquisas – que insiste em afirmá-los como trabalhos –, residindo em um bairro universitário de classe média e, ao deslocar para uma escola pública periférica, encontra-se de frente com múltiplas realidades outras à sua. Também depara-se com um dia escolar qualquer.

Sobre a (in)disciplina nas salas de aula, nos pátios e nos corpos estudantis, chega a apostar que, disciplinar os corpos, como bem dissertou Foucault (1999) acerca das vigílias e punições, é um dos maiores investimentos daquele espaço. Trabalhar como professor, reflete ele, é também servir a isso. Entende que certa dose de controle talvez seja necessária para conviver em sociedade, na medida em que questiona se outros modos de vida coletiva seriam possíveis. Pensa, assim, em que brechas pode incidir aqui, lá, agora e amanhã. Sente que muito do desconforto – seu e de colegas – com os ingovernáveis corpos juvenis que habitam as escolas seja também uma relutância em perceber a realidade na qual tais vidas se situam: social, cultural, subjetiva, etária, afectiva e... e... e... conflitos geracionais e de configurações de vida, atritos entre poder e resistência, pois, como bem ensinou Foucault (2013, p. 105), “[...]onde há poder há resistência”.

Nada como um dia após o outro, pensa. Mas sente que aquilo tudo é muito intenso para, ao se tornar futuramente como cotidiano, ser também banal. Os olhares dos estudantes perante ele, os questionamentos, as provocações, também os tensionamentos, os atritos, a vontade de olhar com cuidado para as tantas carências que lá habitam. Nesse ponto, o cartógrafo chega a se aproximar um pouco mais das leituras psicanalíticas lacanianas que vinha fazendo naquele momento de Ana Suy (2022). Sobretudo, com as questões do desejo como falta. Talvez, muito nos falte – ora questiona e ora aceita essa afirmação. Lembra de uma amiga psicanalista que conta de uma aula em que uma professora explicou que a falta, nessa perspectiva, é como o espaço que permite o deslocamento e a produção de vida. Bem, assim ele entendera. Como bom leitor de

Deleuze, Guattari, Foucault, Rolnik e... tenta trair tais perspectivas e rizomá-las a todo momento com as outras que tem em sua caixa de ferramentas promíscua e contagiosa.

Porém, no ônibus, retornando para casa, chora um pouco. Foi muita emoção. Vontade de sair correndo, de fazer outra coisa. Muitos olhares, muita exposição. Em devir-criança, sente-se acuado. Havia se esquecido da intensidade desses encontros que acontecem nas salas de aula. Ser professor é estar aberto ao outro, frágil e, ainda sim, ser autoridade – e não autoritário, como ensinou Paulo Freire. No entanto, onde reside aí o espaço para “[...]ter a força de estar à altura de sua fraqueza, ao invés de permanecer na fraqueza de cultivar apenas a força?” (PELBART, 2016, p. 32). Como um professor, pode também ser sensível, mostrar-se permeável ao outro, afetável? Ou melhor, reformulando tal questionamento... que diachos estão fazendo nessa profissão os que se fecham aos atravessamentos com o outro? Eita, que empreitada é essa de seguir afirmando o corpo vibrátil (ROLNIK, 2016) em espaços escolares?!

Algumas cenas o marcaram. O cheiro dos corpos na sala; o primeiro estudante com deficiência que soube que estava em uma aula sua e o pensamento inicial – depois reformulado – de que pouco poderia ofertar em sua formação; a aluna em crise deitada na sala da supervisão; o professor que soubera, durante o intervalo, que uma pessoa da família estava internada, à beira da morte e, após um rápido choro silencioso e poucas palavras de colegas, foi novamente cumprir o seu trabalho docente. Também o acolhimento da direção e de outra professora com a sua necessidade de trocar um horário de uma semana para cumprir atividades acadêmicas; o abraço de um aluno nele que, sem saber reagir, evitou; o sabor da merenda que o preenche com a força e o desejo necessário para seguir; a solicitação de outro alune¹⁵ de ainda doze anos que, com nome de registro feminino, pede que o chame por um – para os colegas – apelido, que é, na verdade, o nome social; e, mesmo com as vontades (efêmeras e passageiras) de nunca mais voltar para uma sala de aula e as percepções de que suas atividades iniciais não deram tão certo, segue com a sensação de que conseguiu fazer algo, bem como que aquilo não é em vão.

Chorou no ônibus rapidamente por tantos atravessamentos. Foi demais. Lembrou dos planos que deram certo, dos que jamais sonhara tanto, mas que, ao se apresentarem, desapareceram. Dos inesperados que reviraram a sua vida de cabeça para baixo. A defesa da tese de doutorado já será semana que vem, precisa finalizar – ou melhor, começar – a sua apresentação a ser mostrada no grupo de pesquisa antes do dia oficial, tem que estudar tantas coisas para vislumbrar caminhos por vir. Enfim, os começos. Quão intensos são. E, paradoxalmente, apenas mais um dia. Intenso, mas jamais banal.

PRONTO

Antigos caminhos
Novas ferramentas
Nada prontas
Em vias de feitura
Compondo
Com pontos
Nós
Tricotando vidas
Coexistências

¹⁵ Flexão de gênero aqui mobilizada em decorrência da não binaridade de tal estudante.

Atritos, comunhões
Curiosidades, descobertas
Desbravamentos, uniões
Força coletiva
Potência dos encontros
Entre as incertezas
A desconfiança
A insegurança
Medo do futuro
Na vida
Lidar com a fragilidade
Com a incompletude
Com o movimento
Ver, sobretudo, a vida
Que habita em nós
E se faz, agora

ESTRANHO FAMILIAR

Letras feias nos cadernos
Letras feias no quadro
Letras minhas
Letras deles
Letras nossas
Letras... palavras.
Escrevendo vidas
Cortando espaços
Traçando mapas
Cadernos horríveis
O meu também?
Reconhecimento
No abismo dos caprichos
Indisciplinas (i)letradas
Nas necessidades benfeitoras
Rotas desviantes
Nas futilidades sem fim
Quadros e cadernos insubmissos
Riscos, rabiscos
No esquisito, conforto
Fantasia do qualquer jeito
Estéticas anômalas
Esquizas
Indomesticáveis
Ou em vias de...
Brecha para escapes
Linhas de fuga

Desviando da beleza
Há tanto a ser feito
E muitos caminhos de ser

MAIS UM DIA

Passou-se o segundo dia de (re)começo na docência e um cansaço toma o cartógrafo, porém, menor que os tantos afetamentos advindos do primeiro. São muitos atravessamentos que seguem pulsando em seu corpo vibrátil. O caos da escola, as tantas turmas que, cada uma ao seu modo, se apresentam diferentes, o reencontro com os conteúdos das ciências da natureza, a sala dos professores, as conversas, as burocracias, os diários, as falas, as escutas e... e... e... em alguns momentos, sente-se prestes a explodir, já em outros, que está preenchido com tamanha energia que tanto sentia falta. Algo entre cansaço e paixão, desejo, explosão.

“Ser professor é estar exposto e (tentar) manter uma postura de autoridade mesmo assim”, constata o cartógrafo para si e em relatos para amigas. Tamanha percepção de exposição¹⁶ – algo próximo de uma nudez ao estar frente a um grupo e ter que assumir o papel de maestro, instaurando formas e fôrmas, ou, quiçá, abrindo brechas para a sua dissolução – talvez se dê também em decorrência de ter passado um grande período dentro de sua casa, confortável, protegido e, naquele momento, ter que se abrir ao mundo, à cidade, aos quilômetros de deslocamento, aos olhares dos colegas e dos estudantes. “Como é cansativo estar tão exposto aos outros e aos acontecimentos inesperados que se fazem em uma aula”, sente intensamente em seu corpo professoral. São muitos encontros inusitados que se multiplicam. Sabia que seria dessa maneira, mas no ao vivo, na vivência carnalizada, é outra coisa. Experiências que o atravessam, que transpassam a sua vida-docência.

Na noite anterior, dormira bem. Estava exausto. Na seguinte ao segundo dia, também conseguiu descansar, mas sonhara com a escola, com os seus medos, com a sensação de ser um impostor e de que não daria conta do que tanto esperavam dele – quiçá, mais ainda do que ele mesmo desejava dar conta. Percebe que o tudo foge do possível e é necessário recalcular as rotas. Mas também se recorda das aulas que deu, sobretudo a última, para estudantes da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), a qual sentiu ser a melhor. Nela, dialogou com a turma sobre as ciências da natureza e suas conexões com outros campos do conhecimento – exatas, humanidades e... –, em uma atenção e entrega horizontal sua e dos que lá com ele estavam consistindo em um genuíno acontecimento.

Ao terminar o dia de trabalho, seguiu refletindo no que havia lhe passado. Fora embora pensando em como transpor aquela experiência na EJA para as turmas em que a faixa etária estudantil circundava os onze e doze anos. Seria possível fazer aulas sentados em círculos com eles? Como proporcionar uma educação mais horizontal, de igual para igual, quando todos os sábios e experientes conselhos que lhe dão convergem para a direção de que é necessário manter-se firme, sério e rígido com os estudantes, sobretudo no início?

Agora, pode aguardar até a semana que vem para voltar às salas de aula, seguindo pensando nessas tantas questões. No entanto, ainda está imerso na finalização do doutorado e envolvido com múltiplos estudos, dos quais tenta sugar tudo o que conseguir para criar docências possíveis, mas que, paradoxalmente, não lhe permitem imergir completamente nas aulas. Nesse momento,

¹⁶ Parte dessas reflexões em torno da exposição e nudez que professores são expostos advém da interlocução com a professora Tamiris Vaz e de seu encontro com as linhas iniciais que compuseram este mesmo texto, auxiliando em sua escrita com potentes comentários e sugestões. Desse modo, estende-se a ela um agradecimento pelo rico diálogo e leitura atenciosa.

entende as tantas queixas de sobrecarga e dificuldade de conciliar os afazeres de diversos colegas de pós-graduação que, diferente dele, não tiveram o privilégio/opportunidade/possibilidade de se dedicarem exclusivamente aos estudos e à pesquisa, e continuaram lecionando durante o mestrado e o doutorado. Assim, decide que buscará o que é possível (DELEUZE, 2013), a potência e as linhas de fuga (DELEUZE, GUATTARI, 2019) que habitam nos respiros pelos caminhos, pois é isso que lhe resta. O possível, para não sufocar...¹⁷

SAÍDAS

Mãos levantadas
Pedidos condicionados
Um por vez
Beber água após os recreios?
Ir ao banheiro
Corpos suplicando
Necessidades fisiológicas
Desejos de movimentos
A sala com suas grades
E o lá fora convidativo
O que nos resta agora?
Bela indisciplina
Amarga aqui
Mas reluz no amanhã
Desde que bem direcionada

INGOVERNÁVEL

Na juventude que habita em mim
Encontro(me)
A juventude que habita o outro
Encontramo-nos
Na sala
A aula
Jovens
Diferentes
Um, autoridade
Outros, muitos
Todos têm o seu espaço de fala (?)
E querem exercê-lo
Uns mais que os outros
Encontrar o caminho do meio
O que é possível

¹⁷ Inspirado na célebre fala de Deleuze (2013, p. 135), que tanto marcou, afetou e inspirou o professor-cartógrafo: “Um pouco de possível, senão eu sufoco...”.

Eis o desafio

PENSAMENTO. TEMPO. PLANEJAMENTO

É domingo e o cartógrafo coloca-se a pensar na semana que passou e na que está na iminência de começar. Este dia do entre – nem final e nem começo – costuma deixá-lo introspectivo e reflexivo. Lembra da música dos Titãs que diz que “[...]domingo eu quero ver o domingo passar”¹⁸. Ele gostaria de ver o tempo passando devagar, mas precisa planejar as aulas da semana seguinte, estudar e executar algumas atividades. No começo da noite, também tira um tempo para escrever um pouco de alguns textos que quer submeter em revistas futuramente. Cazuza já dizia que o tempo não para¹⁹ e ele precisa seguir manejando bem as horas que têm, pois, antes que percebam, elas se esvaem.

A semana seguinte será intensa e extensa. Nela, até agora, já sabe que seguirá nas dezessete aulas nos períodos da tarde e noite, que dará seguimento nos trâmites para, em breve, iniciar o novo trabalho na escola da manhã, que participará de uma banca de Trabalho de Conclusão de Curso de graduação e que, na sexta-feira, defenderá o seu doutorado. Também quer continuar estudando: tem planos futuros. A iminência do fim da pós-graduação e a proximidade do título de doutor o assustam. O que aquilo mudará em sua vida? Será que, ao sair da academia, mesmo que momentaneamente, conseguirá continuar treinando o seu olhar para o questionamento e problematização do mundo? Como manter o seu corpo vibrátil para as cartografias de docência-pesquisa-vida que seguirão em curso nos trajetos por vir?

Na manhã do dia anterior, ao participar de um curso de extensão sobre o ensino de ciências e suas intercessões com questões contemporâneas, pergunta à professora²⁰ que realizava a fala sobre como manter-se poroso aos estranhamentos do mundo e da educação ao sair da pós-graduação e migrar – ou melhor, retornar – à docência escolar. Ela, enfaticamente, o responde que o doutorado é um caminho sem volta na abertura para os questionamentos e problematizações, sobretudo para ele, que se aventurou nas leituras foucaultianas, deleuzianas e nas questões de corpo, gênero e sexualidade. Reflete que, realmente, o que vivera fora marcado em sua pele feito tatuagem²¹ – inclusive, materialmente, nas frases e desenhos que decidiu, ao longo do doutorado, grafar em sua epiderme.

Pela manhã deste dia, logo cedo, acordou preguiçosamente, mas levantou-se antes das oito horas e foi estudar. Das dez às doze horas planejou as primeiras aulas da semana e, depois, voltou às leituras, também sobre questões em torno do ensino e da aprendizagem. Percebe que está imerso da cabeça aos pés na educação. Parece que nunca foi tão nítido que a sua vida já é, há anos, dedicada à educação. “Que loucura”, pensa. De fato, nada está começando: ele já está no meio faz tempo. Perceber isso lhe dá segurança para seguir, porém, deseja não cair na naturalização das tantas questões que se apresentam como gritantes, das quais tira potentes reflexões e movimentações de

¹⁸ Música *Domingo*, de Sérgio Britto e Toni Bellotto.

¹⁹ Música *O tempo não para*, de Arnaldo Brandão e Cazuza.

²⁰ Em referência aos atravessamentos vividos no encontro com a professora doutora Livia de Rezende Cardoso, que ocorreu no dia 06/08/2022, ao modo remoto, no projeto de extensão *Redes de conversações com gêneros e sexualidades: aberturas, resistências, desafios e disputas no ensino de Ciências e Biologia*, coordenado pelo professor doutor Sandro Prado Santos.

²¹ O texto *Palavras violentas, palavras que cortam, rachar as palavras: flertes, encontros e devires entre Leonilson e Foucault* (SALES, 2022d) tece-se em torno de palavras afetivas, tatuagens e marcas que se fazem entre as obras do artista Leonilson e a filosofia foucaultiana.

pensamento. Talvez, futuramente, escreva mais sobre como manter o corpo vibrátil na docência-vida. Ele está aprendendo e mobilizar as palavras é também criar modos de existir. Quem sabe...

Por agora, vai finalizando o dia de estudos para cozinhar e assistir a live de aniversário²² de Caetano Veloso, artista que tanto admira. Já que “[...]cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”²³ e “Amanhã está toda a esperança, por menor que pareça, existe e é pra vicejar. Amanhã, apesar de hoje, será a estrada que surge para se trilhar. Amanhã, mesmo que uns não queiram, será de outros que esperam ver o dia raiar...”²⁴, lhe resta desfrutar dos últimos momentos de domingo, respirar e seguir. Sempre em frente, encarando os dilemas diários e desfrutando das aprendizagens possíveis nos encontros cotidianos, pois não se tem tempo a perder²⁵.

O silêncio. O amanhã. A ressaca

No dia seguinte, será que alguém ressuscitou? Conviver com as mortes, os lutos e os fins já têm sido hábito na vida do cartógrafo. Também tem se familiarizado com os novos começos e as mudanças. São muitas as possibilidades.

Após mais uma semana de trabalho, na sexta-feira, finaliza-se uma intensa e extensa jornada: defende-se a tese de doutorado²⁶ e caminha-se para a conclusão da pós-graduação *stricto sensu*. Depois de quase quatro horas de apresentações, pareceres, questionamentos e uma imensidade de afecções possíveis, o cartógrafo direciona-se a um bar próximo de sua casa, junto de colegas e amigos de pesquisa-vida, e de alguns familiares. “É dia de comemorar”, pensa.

Um certo vazio também o preenche. Vontade de chorar, sensação de não saber o que virá. Medo. Cansaço. Associa isso a algo próximo a uma depressão pós-parto, termo tão referido ao sofrimento vivido por gestantes após parirem. Pensa (e sente): “Ela nasceu!”. Também se aproxima do tal burnout, em referência aos sintomas patológicos de uma sobrecarga (de estresses e desgastes) de trabalho. Como foi difícil dar à luz a uma tese, como tem sido pesado conviver com tantas mudanças. Beber algumas cervejas mostra-se como caminho para se animar e recuperar as forças eivadas pelo dia exaustivo. Os abraços e as conversas sinceras preenchem ele de alegria. São reencontros com pessoas queridas na celebração de seu doutoramento e de sua vida. Finalizar o doutorado após duros tempos de pandemia, de isolamento e de sofrimento é uma grande vitória,

²² Em referência ao show apresentado virtualmente pelo artista Caetano Veloso e convidados, no dia 07/08/2022, momento em que também comemorava o seu aniversário de 80 anos.

²³ Música *Dom de iludir*, de Caetano Veloso.

²⁴ Música *Amanhã*, de Guilherme Arantes, também foi gravada por Caetano Veloso.

²⁵ Inspirado na música *Tempo Perdido*, de Renato Russo, sobretudo no trecho “Todos os dias quando acordo não tenho mais o tempo que passou, mas tenho muito tempo, temos todo tempo do mundo... Todos os dias, antes de dormir, lembro e esqueço como foi o dia. Sempre em frente, não temos tempo a perder”.

²⁶ No dia 12/08/2022, foi defendida a tese de doutorado em Educação intitulada *Educações menores em HIV/aids: o que pode a educação em ciências e biologia em cartografias audiovisuais?* (SALES, 2022e), sob orientação da professora doutora Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Nesse mesmo dia, o parecer do professor doutor Sandro Prado Santos, membro avaliador da banca de defesa, cita um fragmento do livro *A Paixão Segundo G.H.*, de Clarice Lispector (2019), acerca das formas que configuram uma existência. O cartógrafo, que já lera anteriormente tal livro, ao se deparar com tal citação – e ser por ela atravessado e afetado – em um contexto intenso e inusitado, seguiu com aquelas palavras ecoando em seu corpo e pensamento por dias, retornando ao livro e indo ao encontro com as escritas que abrem este texto como epígrafe, na medida em que embrionava muito do que compõe as linhas aqui presentes.

sobretudo em um Brasil politicamente caótico. Pode parecer que o amanhã é pouco propício à vida, mas sempre há algo a ser feito. Por agora, resta seguir. E amanhã, será outro dia...²⁷

Considerações finais, caminhos por vir

O cartógrafo tem muito aprendido sobre o trabalho docente nos dias aqui narrados, assim como nos que se seguiram. Pensa e repensa sobre o professor que quer ser, que sonha em ser, que desejam que ele seja, o que ele precisa ser e o que pode ser. Em alguns momentos, em devir-criança, sente vontade de sair correndo e ir fazer qualquer outra coisa. Em outros, tem a certeza de que é aquilo que quer para o seu futuro. Alguns ciclos vão se fechando, outros se abrindo. Se tivesse tempo e espaço, diria muito mais. Mas, em decorrência do número máximo de caracteres demandados a este arquivo de cartografias entre narrativas e poéticas da docência-pesquisa-vida, prefere deixar as linhas de emergência futuras para escritas por vir.

Por hora, apenas sabe que é preciso seguir, atento²⁸ às formas que vão se consolidando em seu corpo-vida. Mesmo que o presente pareça inóspito, se recorda de uma frase que lera alguns meses atrás: “[...] são tempos difíceis, mas não impossíveis” (GALLO, 2019, p. 1). Com essa certeza, encontra força para as madrugadas em claro e as longas jornadas de trabalho, inspirando-se nas aves que saem diariamente de seus ninhos, junto do retorno do Sol – astro rei que ilumina a Terra e permite que exista vida aqui –, encarando todos os riscos e possibilidades que habitam nessa coragem necessária de enfrentar o mundo²⁹. Respira e segue em frente, aberto ao que vier.

Acompanhar o cartógrafo nestas travessias, em suas poéticas que versam sobre estranhamentos e experimentações, é também aprender com ele. Revisitar os seus registros mostra o sinuoso trajeto de formação docente que acontece aquém, entre e além da licenciatura e da pós-graduação stricto sensu. Também permite cartografar as intensidades que se fazem na educação escolar, nos encontros entre professores-estudantes-escolas-e... e... e... Dessa maneira, tais linhas deixam em aberto um futuro a ser criado e vivido, com as dores e delícias do magistério, com a potência de um presente prenhe de porvires possíveis.

REFERÊNCIAS

- COCCIA, Emanuele. *Metamorfoses*. 1ª ed. Rio de Janeiro. Dantes Editora, 2020.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34. 2013.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. I. 2. ed. São Paulo, Ed. 34. 2019.

²⁷ Inspirado na música *Apesar de você*, de Chico Buarque.

²⁸ Inspirado na música *Divino Maravilhoso*, de Caetano Veloso e Gilberto Gil, eternizada na voz da saudosa Gal Costa. O trecho “É preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte” ecoou no cartógrafo nesses momentos de travessia aqui materializados em palavras.

²⁹ Um breve relato, em devir-ave, permeia o texto *Formação? Tempo? Pesquisa? Uma carta à pós-graduação* (SALES, 2021, p. 92): “Ah, as aves... depois de muitos dias de insônia em decorrência do estresse – pandêmico, pós-graduando, político-brasileiro... –, comecei a me levantar em algumas madrugadas e acompanhar o dia nascer. Como é lindo ver as mudanças de cores no céu e, por volta das seis horas da manhã, acompanhar o voo das aves que saem de seus ninhos seguros para desbravar o mundo. Como é linda a força da vida!”

- FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles. Os Intelectuais e o Poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísicas do Poder*. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019. Cap. 4. p. 129-142.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013.
- GALLO, Sílvio. Tempos difíceis, mas não impossíveis. *Pro-Posições*, Campinas, v. 30, p. 1-5, 2019.
- LARROSA, Jorge. EXPERIÊNCIA E ALTERIDADE EM EDUCAÇÃO. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011.
- LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2019.
- PELBART, Peter Pál. *O AVESSO DO NIILISMO: cartografias do esgotamento*. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- PRECIADO, Paul. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2016.
- ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de subjetividade*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-251, 1993.
- SALES, Tiago Amaral. Cartografias do cerrado: devires, marcas e forrageios em processos de pesquisa-trans-formação de um biólogo. *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 466-482, 2020. DOI: [10.46667/renbio.v13i2.358](https://doi.org/10.46667/renbio.v13i2.358). Disponível em <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/358>. Acesso em 17 nov. 2022.
- SALES, Tiago Amaral. *Educações menores em HIV/aids: o que pode a educação em ciências e biologia em cartografias audiovisuais?* 2022. 187 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022e. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.468>
- SALES, Tiago Amaral; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli. Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga. *Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 275-293, 2021. DOI: <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2021.v6i11.275-293>. Disponível em <http://www.seer.unirio.br/revistam/article/view/10487>. Acesso em 30 jul. 2021.
- SALES, Tiago Amaral. Ensaçando escritas entre derivas e travessias. *ClimaCom*, Campinas, v. 9, n. 22, 2022c. Disponível em <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/ensaizando/>. Acesso em 17 nov. 2022.
- SALES, Tiago Amaral. Entre vazios e cheios: cartografias da anorexia. *Ecós*, Niterói, v. 11, n. 2, p. 233-250, 2022a. Disponível em <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/3045>. Acesso em 29 ago. 2022.
- SALES, Tiago Amaral. Formação? Tempo? Pesquisa? Uma carta à pós-graduação. *Alegrar*, Campinas, v. 28, n. 2, p. 87-93, 2021. Disponível em <https://alegrar.com.br/alegrar28-7/>. Acesso em 29 ago. 2022.
- SALES, Tiago Amaral. Palavras violentas, palavras que cortam, rachar as palavras: flertes, encontros e devires entre Leonilson e Foucault. In: SOUSA JUNIOR, Manuel; SALES, Tiago Amaral (orgs.). *Foucault, arte e educação: ensaios possíveis*. 1. ed. Itapiranga: Schreiben, 2022d. p. 123-131.

- SALES, Tiago Amaral. Travessias em poéticas virais. *Revista Feminismos*, Salvador, v. 10, n. 1, 2022b. DOI: <https://doi.org/10.9771/rf.v10i1.45597>. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/45597>. Acesso em 2 jul. 2022.
- SUY, Ana. *A gente mira no amor e acerta na solidão*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
- TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra Mara; ZORDAN, Paola (org.). *Linhas de escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- VAZ, Tamiris. *Aprendizagens em Devir na cidade: visualidades, excessos e narrativas cotidianas*. 2017. 207 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

Submetido em setembro de 2022

Aprovado em novembro de 2022

Informações do autor

Tiago Amaral Sales

Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Professor de ciências da natureza na Escola Municipal Professora Stella Saraiva Peano (EMPSSP) e na Escola Estadual da Cidade Industrial (EECI)

E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3555-8026>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2295345372533795>